

#cm
2
QUINTA-FEIRA

Vilania a dois em releitura da clássica 'Macbeth'

PÁGINA 6



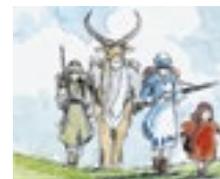
Quintal de Boteco reúne a cozinha de botequim

PÁGINA 7



Lenda japonesa da animação emplaca best-seller

PÁGINA 8



'Apanhador de Almas' põe o cinema brasileiro nas franjas do terror

Divulgação

O Mal

é um bom negócio

Por **RODRIGO FONSECA** Especial para o Correio da Manhã

Principal estreia brasileira deste fim de semana, "Apanhador De Almas", de Nelson Botter Jr. e Fernando Alonso, espreita as catacumbas de um gênero que, este ano, diante do esgotamento anunciado (e comprovado) dos filmes de super-herói, tem dominado o circuito exibidor, não apenas com lucros astronômicos, mas também com arranjos estéticos de arrebatador a crítica: o cinema de horror. **Continua na página seguinte**

Alegorias políticas vitaminam o cinema de terror, assegurando sucessos ao gênero que ressurge na derrocada das tramas de heróis

O longa-metragem nacional da vez, “Apanhador de Almas” fala de bruxaria. Em meio a um eclipse solar, quatro jovens aspirantes a bruxas visitam uma casa para presenciar, pela primeira vez, um ritual do Além, mas, no local, uma criatura de outra dimensão chega para assombrá-las. Daí pra frente, o susto é lei e, com ele, plateias se agarram a estruturas narrativas que lançam mão de alegorias a fim de abrir debates políticos.

Foi assim, no primeiro semestre, com “Pecadores” (“Sinners”), o thriller de vampiros de Ryan Coogler (de “Pantera Negra”) que usava elementos fantásticos a serviço de uma trama sobre o racismo institucional dos Estados Unidos, onde demônio algum assusta mais do que a Ku Kux Klan. Intolerâncias diversas se fazem notar ainda em “A Hora do Mal” (“Weapons”), a mina de ouro da hora em Hollywood.

Lá, a aritmética do sucesso é medida a partir do momento que um filme fatura o equivalente três vezes o valor que custou, ou seja, um longa de US\$ 10 milhões tem que acumular pelo menos US\$ 30 milhões para ser considerado lucrativo. Dirigido por Zachary Michael Cregger (do cult “Noites Brutais”), “A Hora do Mal” foi rodado e lançado com base num orçamento de US\$ 38 milhões. Até o fechamento desta edição, seu faturamento estava em US\$ 259,5 milhões – ou seja, arrecadou quase sete vezes mais do que gastou.

É raro — à exceção de “Corra” e “Nós”, lançados respectivamente em 2017 e 2019 por Jordan Peele — encontrar um filme que alie o espanto a reflexões sociológicas com diálogos desconcertantes, sutileza e, ainda por cima, uma estrutura dramática de geometria não ortodoxa, à maneira de um quebra-cabeças. É esse o caso (notável) de “A Hora do Mal”, já tratado como um potencial candidato ao Oscar. Em bom português: é um filme para se mijar de medo.

A linha de ação politizada que o argumento — da autoria de Creeger — traz é uma alusão, profunda-



Julia Garner em ‘A Hora do Mal’, mina de ouro da hora em Hollywood

O susto é com eles

Warner Bros.



O casal Warren no quarto volume de ‘Invocação do Mal’, dirigido por James Wan

mente metafórica, à onda de crimes contra jovens em escolas, evocando o caso do massacre de Columbine, retratado por Gus Van Sant há 22 anos em “Elefante” (2003), vencedor da Palma de Ouro em Cannes.

Até a personagem da tia má, a Sra. Gladys (papel de Amy Madigan), aparecer, espectadoras/es de “A Hora do Mal” agarram-se à cadeira e roem as unhas até à raiz, tentando perceber que diabo aconteceu ao grupo de alunos da professora Justine (Julia Garner). Um dia, ao chegar para dar aula, ela se dá conta de que 17 crianças desapareceram, restando apenas uma: o pequeno Alex (Cary Christopher). Ninguém sabe o que aconteceu



Michael B. Jordan estrela ‘Pecadores’, de Ryan Coogler

com a gurizada, o que leva muitos pais, sobretudo o Sr. Archer Graff (Josh Brolin, monumental na sua atuação), a criarem rancor contra Justine e a duvidar da sua índole. Algo nas raias da feitiçaria vai se fazer notar ao largo do sofrimento dela, respingando (sangue) sobre um diretor de escola (Benedict Wong) e seu companheiro, expondo homofobia, sexismo e outras malévolas formas de exclusão.

Hoje na HBO Max, “Pecadores”, apoiado no carisma de Michael B. Jordan, faturou fortunas também. Custou alto (cerca de US\$ 100 milhões), mas amealhou US\$ 366,7 milhões na venda de ingressos. Quem está indo pelo mesmo

caminho é o quarto capítulo da franquia “Invocação do Mal” (“The Conjuring”), batizado no Brasil com o subtítulo “O Último Ritual” (“Last Rites”). O gasto de US\$ 55 milhões do projeto, supervisionado pelo Midas do terror James Wan (de “Jogos Mortais”), foi mais do que compensado numa receita que, hoje, beira a casa dos US\$ 330 milhões – sendo que suas sessões seguem lotadas.

Essa cinessérie se baseia nos feitos reais do casal Warren, a sensitiva Lorraine Rita (1927 - 2019) e o demonologista Edward Miney (1926 - 2006), que investigaram a veracidade de casos paranormais, sendo alguns ligados a manifestações de diabos na Terra. Wan dirigiu os dois filmes iniciais. O primeiro, lançado há 12 anos, custou US\$ 20 milhões e faturou cerca de US\$ 320 milhões. O segundo, de 2016, periga ser a maior obra-prima do filão horrorífico do século XXI. Custou US\$ 40 milhões e contabilizou US\$ 322 milhões, além de lançar dois vilões que ganharam spin-offs rentáveis: a boneca encafetada Annabelle e o trem-ruim A Freira.

Lorraine e Ed, interpretados numa alquimia plena por Vera Farmiga e Patrick Wilson, são heróicos, usando a paranormalidade e a palavra de Deus como armas. Em “O Último Ritual”, a calma que desejam abraçar é interrompida por espíritos zombeteiros presos num espelho.

A partir desta quinta, as jornadas terroríficas do audiovisual ganham mais dois reforços de peso. Um deles, com a grife do escritor Stephen King, é “A Longa Marcha - Caminhe ou Morra” (“The Long Walk”), de Francis Lawrence, com Mark Hamill (o eterno Luke Skywalker) como o árbitro carniceiro de uma maratona mortífera. A outra manifestação de Satanás nas telonas vem da Austrália, com o crivo da Quinzena de Cineastas de Cannes: “Animais Perigosos” (“Dangerous Animals”), de Sean Byrne. Jai Courtney, o Capitão Bumerangue de “Esquadrão Suicida” (2016-2021) mete uma de malvada no papel de um psicopata cujo gozo é servir vítimas a tubarões.

Divulgação

Divulgação

ENTREVISTA / JOSÉ LUIS REBORDINOS, PROGRAMADOR E DIRETOR ARTÍSTICO DO FESTIVAL DE SAN SEBASTIÁN

'Gostamos de dizer que somos o menor dos grandes festivais'



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

San Sebastián começa nesta sexta-feira (19). A produção argentina “27 Noches”, de Daniel Hendler, abre o evento, em disputa pela Concha de Ouro. Vozes autorais consagradas estarão lá. Claire Denis, Agnieszka Holland, Arnaud Desplechin, Lucrecia Martel, Raoul Peck, Jafar Panahi e Paz Encina prometem tornar a edição nº 73 da maratona basca um marco. Ela promete ser marcante não apenas na história do evento em si (iniciada em 1953), mas também no ranking dos maiores festivais de cinema do planeta, onde a cidade do norte da Espanha integra uma espécie de G7.

Nesse Grupo dos Sete das maiores mostras do audiovisual, ela aparece ao lado de Roterdã, da Berlinale, de Cannes, de Locarno, de Veneza e de Toronto. Quem manteve seu prestígio em alta foi um pedagogo nascido em Errenteria (cidade espanhola quase na fronteira com a França), que, em 2011, assumiu sua direção geral: José Luis Rebordinos.

Graças a ele, San Sebastián apostou numa linha curatorial capaz de abraçar estéticas de invenção pautadas pelo risco e pela provoca-



Pablo Gómez/Divulgação

ção política. Ao mesmo tempo, sua seleção se abre a narrativas mais comerciais, sempre valorizando medalhões ibéricos, entre eles o manchego Pedro Almodóvar.

Nos 14 anos da gestão Rebordinos, todas as séries e todos os filmes de prestígio de sua pátria natal, marcada por sucessos como “Fale Com Ela” (2002) e “Alcarràs” (2022), entraram com destaque na grade estruturada por ele. Fenômeno transcontinental, “La Casa de Papel” é só um pedaço de um processo de expansão global perpetrado pela pátria de Almodóvar, que, mesmo sob crises econômicas diversas, lutou para difundir sua produção audiovisual planeta a fora, consagrando cineastas nos streamings, nas telas de TV e nas salas exibidoras.

Percebe-se, pela maciça concentração de títulos da Península Ibérica no menu de San Sebastián 2025, que a indústria cultural daquela região prepara uma leva de projetos

para fomentar o mercado cinematográfico, mobilizando as grandes produtoras de conteúdo de TV do Velho Mundo. O resultado dessa agitação artística é uma produtividade farta.

Na entrevista a seguir, Rebordinos explica essa dinâmica ao Correio da Manhã.

Os três possíveis representantes oficiais da Espanha para o Oscar estão na programação de San Sebastián deste ano. De que maneira o festival ajuda o audiovisual espanhol a se encontrar, a compreender seu perfil e a medir sua força comercial? Em números, como se comporta a Espanha hoje em dia nas salas de cinema? É uma indústria forte? Onde tem sido mais potente?

José Luis Rebordinos - O Festival Internacional de Cinema de San Sebastián é o ponto de encontro mais importante do cine-

ma espanhol do ano, não só por apresentar um bom número de estreias mundiais, mas por reunir o melhor que foi lançado até então em suas diferentes seções. É esse o caso, por exemplo, de “Sirat” e “Romería” (vindos de Cannes) e presentes conosco na mostra Made in Spain. O cinema espanhol tem desempenho irregular nas salas de cinema, mas ultimamente vem obtendo resultados cada vez melhores. A indústria está passando por um momento muito bom, com um grande número de filmes variados e de qualidade. Basta ver os que participaram em Berlim, Cannes ou Veneza, e os que competirão aqui.

É a Argentina, através do diretor uruguaio Daniel Hendler, que inaugura as atividades cinematográficas de Donostia em 2025, com “27 Noches”. De que maneira o país que hoje sofre com Javier Milei encontra voz no festival?

Até recentemente, a Argentina era a indústria cinematográfica mais importante da América Latina. No festival, tentamos dar voz a ela. Este ano, há três filmes argentinos na competição oficial, mas isso pode ser enganador. Dois deles contam com a produção de plataformas (Amazon e Netflix) e o outro é uma coprodução com a Suíça.

Como você avalia a representatividade histórica do Brasil nas mostras de San Sebastián? Que visibilidade ocupamos hoje em sua curadoria? Que imagem do Brasil você constrói a partir dos nossos filmes?

O Brasil não tem sido um país com muita presença em nosso festival ultimamente, mas é provável que parte da responsabilidade por isso seja nossa, por não termos sabido abordar bem essa cinematografia. De qualquer forma, este ano será possível ver em nossa seção Perlak “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho. Há “Dolores”, de Marcelo Gomes e María Clara Escobar, em Horizontes Latinos. Também exibiremos o Grande Prêmio Fipresi, que é “Ainda Estou Aqui”, que será recebido pessoalmente por Walter Salles.

Que papel estratégico San Sebastián luta por ter no panorama dos grandes festivais? O que diferencia Donostia dos outros grandes festivais da Europa?

Gostamos de dizer que somos o menor dos grandes festivais. O que nos diferencia é que somos um festival de público. Berlim também é. No nosso caso, em uma cidade de 186 mil habitantes, no ano passado tivemos 172,301 espectadores em nove dias.

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Sueli Carneiro, a intelectual do ano eleita pela UBE

Sueli Carneiro é a vencedora do troféu Juca Pato 2025

A escritora e filósofa Sueli Carneiro é a vencedora de 2025 do troféu Juca Pato de intelectual do ano, concedido pela União Brasileira dos Escritores. O prêmio é concedido anualmente desde 1962 a personalidades que, além de terem publicado uma obra de repercussão nacional no ano anterior, se destacam pela contribuição

à literatura e ao fortalecimento dos valores democráticos e republicanos no país. A obra que credenciou a autora a ser escolhida foi a biografia “Lélia Gonzalez: Um Retrato” (Ed. Zahar). Entre os homenageados ao longo da história estão autores como Carlos Drummond de Andrade, Lygia Fagundes Telles e Luis Fernando Verissimo.

Praça Onze

A jornalista Beatriz Coelho da Silva autografa nesta quinta (18), a partir das 17h, no Espaço Paulão Sete Cordas, na Lapa, o livro “Sambas da Praça Onze”, que conta a história do bairro demolido para dar lugar à Av. Presidente Vargas a partir de canções.

Novo selo

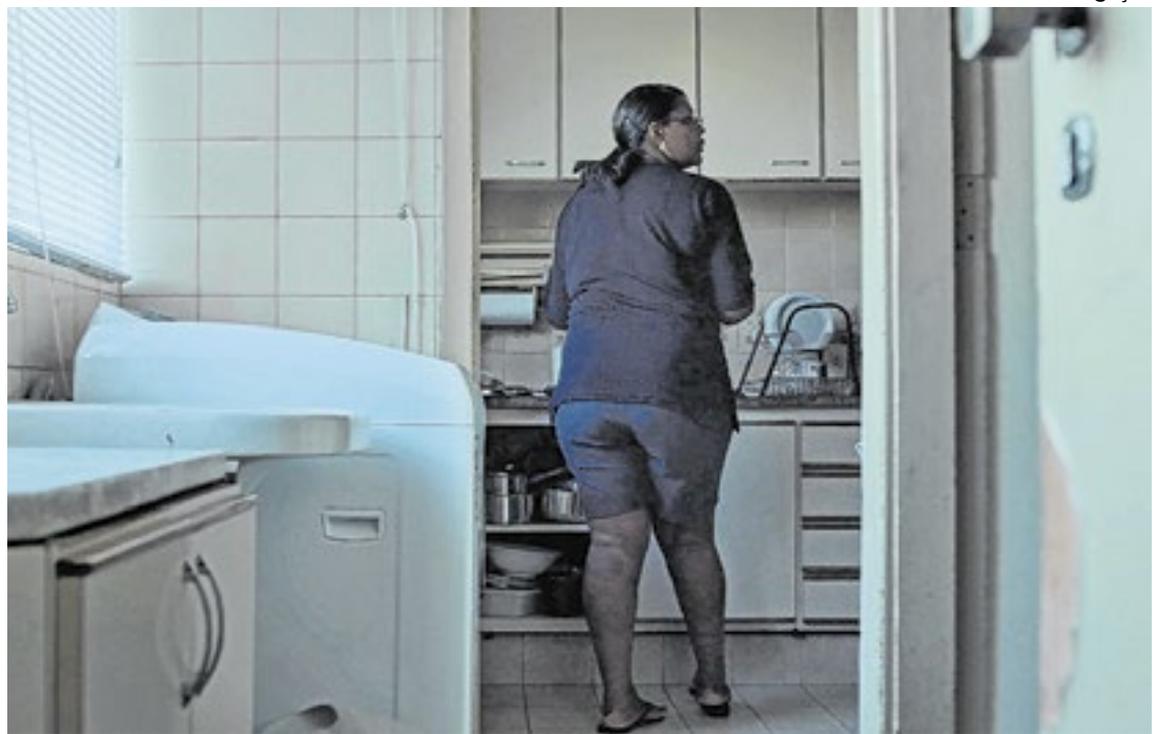
Celebrando os 90 anos de nascimento de Herbert de Souza, o Betinho, a Ação da Cidadania passa a atuar também como editora e lança nesta quinta (18) as obras “Machado, o Filho do Inverno”, “Matou Uma, Matou Todas” e “O Prato Vazio”.

Obra premiada

A Pallas Editora anuncia que a médica e escritora pernambucana Márcia Moura é a vencedora do Prêmio Pallas de Literatura 2025, com o romance inédito “Malhada das Graúnas”, uma fábula sobre ossos, memória e violência.

Memória latina

Um mosaico da história latino-americana, entre riquezas culturais, disputas de poder e imagens que atravessam séculos, chega às livrarias com “América Latina em 100 fotos” (Ed. Bazar do Tempo), do jornalista Paulo Antonio Paranaguá.



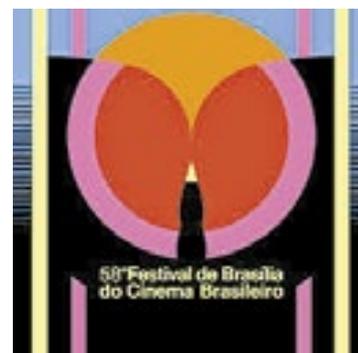
As trabalhadoras domésticas entrevistadas por Karol Maia falam de situações de violência e exploração, mas também de resistência e da força da maternidade

O quarto de empregada como continuação da senzala

Filha de ex-trabalhadora doméstica, Karol Maia estreia nas telas com documentário no Festival de Brasília

Por Reynaldo Rodrigues

A cineasta Karol Maia apresentou nesta quarta-feira (17), na Mostra Competitiva Nacional do Festival de Brasília, o primeiro longa da carreira, “Aqui Não Entra Luz. Narrado em primeira pessoa, o documentário une



memórias pessoais da realizadora com histórias de mulheres que compartilham lembranças emocionantes sobre o trabalho doméstico. Karol é filha de uma ex-trabalhadora doméstica.

As entrevistadas falam de situações de violência e exploração, mas também de resistência e da força da maternidade. Vindas da

Bahia, Maranhão, Minas Gerais e Rio de Janeiro — estados que mais receberam mão de obra escravizada no país —, essas mulheres expõem a luta constante por direitos e pelo sonho de que suas filhas sigam outros caminhos.

Inspirado na arquitetura de espaços historicamente marcados pela segregação e pelo racismo, como a senzala e o quarto de empregada, o filme traz uma reflexão sobre as heranças da escravidão no Brasil. A obra reconhece a batalha cotidiana de mulheres que resistem em condições de trabalho precárias.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o país tem cerca de 6 milhões de trabalhadores domésticos, mas menos de um quarto possui carteira assinada. Aqui não entra luz será exibido às 21h, no Cine Brasília.

Criada no Jardim Helena, na periferia de São Paulo, Karol desenvolve um olhar voltado para narrativas negras e periféricas. Além do trabalho de estreia, ela dirigiu séries documentais para TV e streaming como “Helipa – Um Autorretrato” (Paramount), “Mães do Brasil 2” (TV Globo) e “Cartas Marcadas” (Warner Bros./Discovery), entre outros projetos.

Em rota de convergência

Domenico Lancelotti e Ricardo Dias Gomes fundem seus novos trabalhos em show experimental

Por Affonso Nunes

Dois expoentes da música brasileira experimental atravessam o Atlântico para um encontro único na cidade. Radicados em Portugal, Domenico Lancelotti e Ricardo Dias Gomes sobem ao palco do Manouche nesta quinta-feira (18) para apresentar um repertório que funde seus álbuns mais recentes, “Sramba” e “Muito Sol”, com participação da musicista Tori.

O encontro nasceu de uma coincidência. Os dois discos foram lançados quase simultaneamente, quando ambos os artistas estavam em Lisboa produzindo e se apresentando. A proximidade geográfica levou à criação de shows conjuntos pela Europa, que em 2024 se consolidaram

numa performance única que mescla composições dos dois álbuns com espaço para improvisações.

O carioca Lancelotti construiu carreira marcada pela experimentação entre samba, música eletrônica e cancionero brasileiro. Fundador de bandas como Mulheres que Dizem Sim, Projeto +2 (com Moreno Veloso e Kassin) e Orquestra Imperial, lançou quatro álbuns solo, sendo “Sramba” o mais recente. Sua obra tem como fio condutor a inventividade rítmica.

Dias Gomes, por sua vez, consolidou-se como multi-instrumentista e produtor de reconhecimento internacional, tendo trabalhado com nomes como Caetano Veloso e Arto Lindsay. Seus três álbuns solo exploram fronteiras entre pop experimental e canção brasileira, sempre com arranjos so-



Divulgação

Domenico Lancelotti e Ricardo Dias Gomes inciram o projeto conjunto em Portugal

fisticados de elegantes texturas eletrônicas. O resultado sonoro da parceria transita entre samba, música eletrônica e rock

experimental, criando uma experiência que os próprios artistas definem como “intensa, plural e contemporânea”.

SERVIÇO

DOMENICO LANCELOTTI & RICARDO DIAS GOMES
Manouche (Rua Jardim Botânico, 983 - subsolo da Casa Camolese)
18/9, às 21h
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia solidária com doação de alimento ou livro)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Coltrane no baixo

O contrabaixista Stefano Moliner apresenta tributo a John Coltrane (1926-1967) no Blue Note Rio nesta quinta (18), às 20h. O músico, especializado em jazz e música brasileira improvisativa, homenageia um dos maiores ícones do jazz mundial. Moliner desenvolve composições próprias baseadas na pesquisa de ritmos brasileiros. Neste espetáculo, o músico paulista celebra o legado revolucionário de Coltrane, reconhecido por sua genialidade e espiritualidade que continua inspirando gerações de músicos.

Tabatha Mota/Divulgação



Divulgação



Encontro imaginado

O Audio Rebel recebe quinta (18), às 20h, homenagem a um projeto planejado mas não realizado entre Elis Regina e Wayne Shorter em 1981, ano em que a Pimentinha nos deixaria. O show reúne a cantora Yumi Park e os músicos Zé Maria (sax), Alex Rocha (baixo), Zezo Olímpio (piano) e Roberto Rutigliano (bateria). O repertório selecionado inclui temas clássicos de Shorter como “Footprints” e sucessos de Elis como “Retrato em Branco e Preto”. Apresentação conduzida pelo jornalista Chema García Martínez, que entrevistou o saxofonista.

Mariana Vergara/Divulgação



Releituras criativas

A Orquestra Popular de Paraty se apresenta no Espaço Cultural BNDES nesta quinta-feira (18), às 19h, com entrada gratuita. O projeto, criado em 2015 por três arranjadores, preserva e reinterpreta o repertório musical de autores locais e clássicos da MPB. O grupo oferece releituras criativas de músicas populares locais e gêneros como samba, choro e baião. Segundo Jerome Charlemán, um dos criadores, as versões buscam dar melhor acabamento às canções, respeitando sua importância no imaginário cultural brasileiro. Ingressos com retirada meia hora antes da apresentação.

Cumplicidade a dois



Cumplicidade em cena: casados na vida real, Cláudia Ventura e Alexandre Dantas coincidentemente se conheceram durante uma montagem da tragédia mais sangrenta de William Shakespeare

Releitura do clássico shakesperiano, ‘MacbethLadyMacbeth’ faz da vilania da dupla a consequência de uma parceria do casal real

A tragédia mais sangrenta de William Shakespeare (1564-1616) é ressignificada no palco do Sesc Copacabana com “MacbethLadyMacbeth”, espetáculo da CiaFaláCia. A montagem, dirigida por Miwa Yanagizawa, propõe uma investigação contemporânea sobre poder, ambição e a banalização do mal através da intimidade do casal protagonista, interpretado por Cláudia Ventura e Alexandre Dantas, que são companheiros também na vida real.

A escolha do casal para dar vida aos personagens shakesperianos traz uma curiosidade: os

atores se conheceram em uma montagem de “Macbeth” em 1991, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e desde então constroem uma trajetória artística conjunta que completa 35 anos. Esta conexão biográfica alimenta a proposta central do espetáculo: mostrar como os conflitos do casal da ficção espelham relações sociais contemporâneas, onde a ânsia pelo poder e a corrupção moral se manifestam cotidianamente.

O sexto trabalho da CiaFaláCia rompe com a interpretação tradicional que apresenta Macbeth como vítima da figura manipuladora de sua esposa. “Queríamos tirar da Lady Macbeth o vilanismo

clássico, mas sem cair na subversão. É um equilíbrio delicado. A parceria do casal é o nosso foco, esse protagonismo dividido”, explica Cláudia Ventura, destacando que a montagem mostra como a cumplicidade inicial entre os personagens se desfaz gradualmente, conforme cada um toma consciência da dimensão dos crimes cometidos rumo ao poder.

Alexandre Dantas complementa a visão da parceira ao analisar a dinâmica entre os protagonistas: “O ‘jogo’ entre o casal é o que nos provoca. Macbeth apresenta a ideia do assassinato do rei, a Lady embarca e planeja. De certa forma, ele sente uma espécie de medo, mas,

juntos, seguem em frente”. O ator reconhece que a experiência pessoal do casal inevitavelmente interfere no trabalho artístico, criando uma camada adicional de autenticidade na interpretação.

A direção de Miwa Yanagizawa, que trabalha pela primeira vez com a CiaFaláCia, busca humanizar os personagens trágicos aproximando-os do nosso cotidiano. “Estamos diante de reis e rainhas, mas também de uma situação doméstica. O teatro permite esse encontro de corpos e narrativas que revelam o que há de mais verdadeiro”, observa a diretora. Sua abordagem cênica se desenvolve através de repetição, sobreposição e espelhamento, construindo um espaço poético que aproxima artistas e personagens, teatro e realidade.

Clara de Lima, assistente de direção, enfatiza o aspecto político da releitura: “Trabalhar com uma obra

escrita há mais de 400 anos nos provocou a subverter características e papéis socialmente atribuídos nas relações de gênero. Nessa releitura, a contradição humana também é perseguida por nós”. Esta perspectiva contemporânea questiona estruturas patriarcais presentes no texto original, oferecendo uma visão mais equilibrada dos protagonistas.

A encenação mantém o DNA da CiaFaláCia: a investigação da construção cênica a partir da relação entre uma atriz, um ator e elementos cenográficos mínimos. Neste caso, duas cadeiras servem como base para toda a dramaturgia. A produção conta com uma equipe técnica formada majoritariamente por mulheres.

Fundada em 2008, a CiaFaláCia se especializou em adaptar textos não dramáticos de grandes escritores da língua portuguesa, incluindo Machado de Assis, Arthur Azevedo e Rubem Fonseca. O grupo também criou uma comédia física musical sobre a Bossa Nova e uma websérie baseada em “Ligações Perigosas”, de Choderlos de Laclos, sempre explorando as fronteiras entre literatura e teatro.

A nova montagem traz um desafio particular: como tornar Shakespeare relevante para o público contemporâneo? E a resposta encontrada pelo grupo passa por essa humanização dos personagens e pela evidência de que os temas abordados pelo dramaturgo inglês - a natureza do mal na alma humana, os limites da ética e a corrupção pelo poder - permanecem inquietantemente atuais. O espetáculo, portanto, nos convida a refletir sobre sua própria condição diante das ambições pessoais e dos dilemas morais da vida em sociedade.

SERVIÇO

MACBETHLADYMACBETH

Sesc Copacabana - Sala Multiuso (Rua Domingos Ferreira, 160)

Até 5/10, de quinta a domingo (19h)

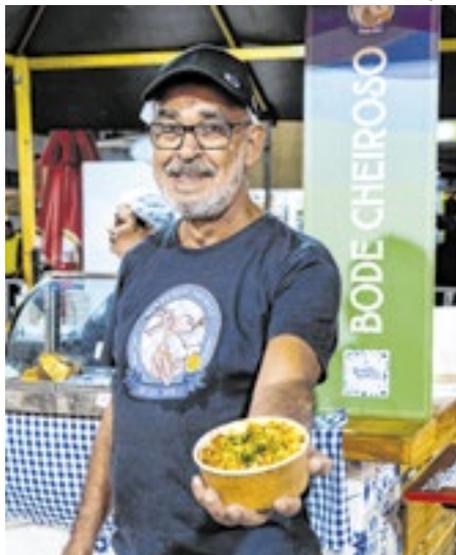
Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 10 (associado Sesc) e grátis (PCG)

Divulgação



Seu Jão

Divulgação



Bode Cheiroso

Divulgação



Jeitão da Baiana

Divulgação



Bar da Portuguesa

Divulgação



Nusa

Divulgação



Coisas do Nordeste

Divulgação



Pavão Azul

Divulgação



Pão de Alho da Kiki

Divulgação



Buteco Ovo Frito

Tem botequim pra todos

Quintal dos Botecos reúne casas tradicionais da cidade neste fim de semana na Lagoa

Por **Affonso Nunes**

Amantes da autêntica gastronomia de botequim têm encontro marcado neste fim de semana no Parque das Figueiras, na Lagoa Rodrigo de Freitas. A primeira edição do Quintal dos Botecos reúne alguns dos nomes mais tradicionais da cena botequeira carioca em um só lugar. O evento celebra a cultura de bar que define a identidade gastronômica da cidade, uma combinação de petiscos ge-

nerosos, chope gelado e o clima descontraído que só um boteco (no caso, vários) pode proporcionar.

Entre os participantes, destaca-se a estrela da Divina Providência, reconhecida nacionalmente pela excelência de seus frutos do mar. O evento também conta com a presença de estabelecimentos que são um verdadeiro patrimônio cultural da cidade como os tradicionais Pavão Azul e o Bar da Portuguesa, guardiões de receitas tentadoras que atravessam gerações. O Bode Cheiroso traz seus petiscos consagrados,

enquanto o Jeitão da Baiana oferece seu tempero inconfundível com muito axé que conquistou paladares cariocas.

A diversidade gastronômica se completa com as especialidades do Buteco Ovo Frito, os caldos reconfortantes do Caldinhos do Cariri, os frutos do mar do Sagrado Mar, os drinques autorais do Suru Bar e o famoso Pão de Alho do Kiki. Para acompanhar os petiscos, as especialidades do Batida Carioca prometem refrescar o público com receitas que resgatam a tradição das bebidas de botequim.

O evento inclui também uma feira de empreendedores com 30 expositores, fortalecendo a economia criativa local. E a programação musical conta com Gabrielzinho Irajá, Willian Kesley, Marcelinho Moreira com Feyjão, Banda Galena e Casuarina.

SERVIÇO

QUINTAL DOS BOTEQUINS
Parque das Figueiras – Lagoa
De 19 a 21/9, sexta (16h às 22h), sábado e domingo (12h às 22h)



Divulgação

'A Viagem de Chihiro' deu o Oscar e o Urso de Ouro ao artesão autoral japonês

Miyazaki em revista



Divulgação

'Meu Amigo Totoro' é o Mickey da Disneylândia nipônica chamada Ghibli

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Quem sabe a realização do Festival Ghibli - que começa nesta quinta-feira, mobilizando o Rio de Janeiro com a obra do estúdio japonês de animação coroado com Oscars e a Palma de Ouro Honorária - não é o estímulo que faltava para a publicação, por aqui de "Shuna's Journey". O livro ilustrado, com cara de mangá,

hoje elevado ao status de best-seller, angariou a reverência do mercado editorial para o cineasta Hayao Miyazaki.

Mestre maior do desenho animado no Japão, ele é o coração da companhia que, a partir deste fim de semana, vai ocupar o circuito nacional com clássicos da fantasia. O cineasta nipônico ganhou dois Oscars. Um veio com "O Menino e a Garça" (que abriu o Festival de San Sebastián em 2023). O outro foi conquistado por "A Viagem

de Chihiro", laureado ainda com o Urso de Ouro, na Berlinale, em 2002. Este último terá sessão no Estação Net Rio nesta quinta-feira (18), às 21h, e passa no Cinesystem Belas Artes nesta sexta, às 18h30.

Da lavra lendária de Miyazaki, "Meu Amigo Totoro" (1988) ganha a grade do Estação Gávea na quinta, às 21h. Por lá, às 17h, tem ainda "Porco Rosso - O Último Herói Romântico" (1992).

Em cartaz nas livrarias estrangeiras (e na Amazon), "Shuna's



Divulgação

Ilustração do livro 'Shuna's Journey', que segue o formato mangá e virou best-seller no exterior



Divulgação

Hayao Miyazaki em entrevista em vídeo para o Festival de San Sebastián

Lenda viva da animação japonesa emplaca um best-seller ilustrado no mercado editorial e ganha retrospectiva no Brasil, com mostra dedicada a seu estúdio, o Ghibli

"Journey" carrega em suas páginas o estilo que fez esses filmes acima citados se tornarem marcos. Baseado numa lenda tibetana, a graphic novel narra o périplo de um príncipe para encontrar lima semente capaz de alimentar seu povo faminto. No percurso, ele se encanta por uma jovem chamada Thea. Ao salvá-la de seus captores, esse nobre, chamado Shuna, acaba se embrenhando em mil perigos nos rastros de uma divindade. Miyazaki assina os desenhos e o animador holandês Alex Dudok de Wit (de "A Tartaruga Vermelha") traduziu os diálogos do mestre para o inglês.

Aos 84 anos, Miyazaki estreou na direção, em 1972, com o curta-metragem "O Sol de Yuki". Além de mobilizar salas de projeção nacionais, ele pode ser lido hoje no Brasil graças ao empenho da editora JBC em traduzir "Nausicaã do Vale do Vento" para o português. Em sua trama, a poluição tomou conta do mundo. As águas, o ar e as florestas foram contaminados por causa do crescimento da industrialização. É nesse mundo caótico, onde até mesmo o ar é venenoso, e sem esperança que Nausicaã do Vale do Vento enfrentará uma jornada que decidirá o futuro da humanidade. Sua luta mobilizou os cinemas num filmaço animado de 41 anos atrás, que integra a mostra Ghibli, com sessões no subúrbio neste sábado, todas às 18h, no Kinoplex Tijuca, no Kinoplex Madureira e no complexo do Nova América.

A retrospectiva é uma ação da distribuidora Sato Company, empresa reconhecida pro seu pioneirismo no lançamento de filmes asiáticos no Brasil, que comemora 40 anos de atividade comercial.